

The background of the cover is a vibrant, stylized illustration of a jungle. In the center, a small orange bear-like character with a black patch on its forehead stands wearing a light blue two-piece outfit. To the right, there are several tall, light-brown wooden pillars supporting a structure, with a set of stone steps leading up to them. The ground is covered in green moss and ferns. In the upper left, there are large, colorful mushrooms in shades of pink, orange, and purple. The overall scene is rich and detailed, typical of a children's book illustration.

UM **LUGAR**  
CHEIO DE  
**NINGUÉM**

MARCELO XAVIER

todas  
as  
letras

UM **LUGAR**  
CHEIO DE  
**NINGUÉM**

MARCELO XAVIER

1ª edição  
2018

**todas  
as  
letras**

Copyright © Marcelo Xavier, 2017  
Ilustrações © Marcelo Xavier, 2017

Gerência editorial Kandy Sarahva

Edição Laura Vecchioli

Gerência de produção editorial Ricardo de Gan Braga

#### Arte

Narjara Lara (coord.), Nathalia Lara (assist.)

Projeto gráfico Thatiana Kalaes e Marcelo Xavier

#### Revisão

Hélla de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scalf Marques (coord.),  
Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Matia, Brenda T. M. Moraes,  
Célia Carvalho, Gabriela M. Andrade e Luciana B. Azevedo

#### Iconografia

Silvio Klugin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagens)

#### Fotografia

Sylvio Coutinho

#### Efeitos Visuais

Claudio Márcio Ferreira

#### Manuscritos (p. 25, 42 e 45)

Gabriela Alves do Prado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Xavier, Marcelo

Um lugar cheio de ninguém / Marcelo Xavier ;  
[ilustrações do autor]. — 1. ed. — São Paulo :  
Editora Todas as Letras, 2015.

1. Literatura infantil-juvenil I. Título.

15-15538

CDD- 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantil-juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

ISSN 978-85-68006-25-2

2018

1ª edição

Todos os direitos reservados à Editora Todas as Letras Ltda.  
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – 1º andar  
Setor C – Espaço 2 – Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP





PARA O ERIC,  
MEU NETO.





**NO QUARTO ESCURO,** apenas uma tênue luz do rádio ilumina o rosto dos três irmãos. O painel — na parte inferior da enorme caixa de madeira escura — é uma misteriosa tela repleta de códigos indecifráveis, letras e números brilhantes e linhas coloridas.

Um filete vertical, branco, passeia na tela de acordo com o giro do botão de sintonia, à direita do painel — com ele, busca-se a estação desejada. O gêmeo, do lado esquerdo, é o botão do volume.

Na casa da época, o rádio era o dono do pedaço: objeto imponente, quase sagrado, janela aberta para o mundo, caixa de sonhos. Informava, mas, principalmente, tocava o coração das pessoas com canções apaixonantes e novelas inesquecíveis. Reinava absoluto. Seu território ainda não havia sido invadido pela televisão e muito menos pelo computador.

Sempre à noite, lá estavam os três garotos diante daquele bicho elétrico que falava e cantava feito gente: estranho e fascinante! Os dois menores, agarrados um ao outro, só aguardavam o medo chegar. O mais velho fingia coragem. E, como só ele podia girar o botão de sintonia, fazia-o vagarosamente, como um bom capitão que leva seu barco por mar escuro em noite sem lua. O “barco” esbarra em coisas que chamam, estalam, em cacos de músicas e em seres perdidos na escuridão,

cujas vozes surgem mas logo desaparecem. Algumas próximas, nítidas, outras distantes, quase apagadas — brasileiras e estrangeiras. Parecendo uma multidão de naufragos que gritam, gemem em desespero para serem ouvidos e resgatados daquele mar de destroços sonoros. O jovem capitão, com a mão firme no dial-timão, ignora as súplicas roucas e segue na busca pela “Hora do Terror”. O programa se esconde no emaranhado de sons e ruídos, aumentando ainda mais a aflição dos ouvintes.

Os menores, sem desgrudar os olhos do painel de luz do barco-rádio, confiavam plenamente na capacidade de navegação do capitão. Repentinamente, o pauzinho branco da sintonia estaciona. E no ponto exato. O capitão lança a âncora: a voz sepulcral do locutor envolve os três garotos e os amarra com as cordas invisíveis do suspense:

— Prepare-se. Se você não é forte o bastante, desligue o rádio e vá se deitar. Se ficar... pode não conseguir mais dormir esta noite.

Os três, arrepiados dos pés à cabeça, têm os ossos gelados.

Ao menor comentário de um dos pequenos:

— Shhhhhiiiiiii. Se não fizerem silêncio, pra cama — ordena energicamente e ao mesmo tempo sussurrado o capitão.





A porta do quarto, fechada, não afastava o risco de os pais acordarem. Ai se descobrem o rádio ligado àquela hora da noite... E, o mais grave, em companhia dos dois pequenos, ouvindo um programa proibido para crianças. O castigo viria pesado!

Sintonizada a estação, barco ancorado, o locutor prossegue, puxando o fio sinistro da história. No rádio, o terror é ainda pior. O ouvinte, sem a distância salvadora das imagens de cinema ou de televisão, vê as cenas apavorantes se projetando dentro dele, com a colaboração da própria imaginação — total sentimento de desamparo. Mas pra onde correr, se todas aquelas assombrações estão trancadas no escuro da sua própria cabeça? Os sons nos programas noturnos do rádio são poderosos aliados do suspense: passos numa rua deserta, uivos, gritos, rangidos de porta, badaladas, ventos uivantes, vidros se estilhaçando... todo esse arsenal para imobilizar o indefeso ouvinte. Mas ninguém o obriga a dar ouvidos ao rádio. Ele próprio cria e sustenta o gosto pelo vento gelado do terror na pele.

O episódio da noite termina, com figuras macabras e soturnas desaparecendo na escuridão. Os garotos, banhados de suor. São apenas quinze minutos de programa, mas parece uma eternidade.

No quarto dos três irmãos há uma cama onde dorme Alex, o mais velho, e um beliche para os pequenos.

Neno prefere a parte de cima porque gosta da escalada diária para se aconchegar no macio de seu travesseiro de paina e do cobertor. Lá do alto, ele se imagina numa torre, num mirante. Ao caçula Denis, coitado, resta o porão, abafado e sem graça.

Logo que o narrador se despede, desejando, ironicamente, aos ouvintes “Boa noite!”, seguido da gargalhada cavernosa de sempre, o capitão gira o botão de volume e, finalmente, desliga os “motores do barco”. Os pequenos vão pra cama, e ele também se recolhe.

São 22 horas na cidade de Vitória. Daqui a pouco será o primeiro dia do mês de agosto — de ventos e papagaios — do ano de 1957. Faltam dez dias para o aniversário de Neno. Ele fará nove anos e se agarra a esse pensamento tentando se livrar das imagens que a “Hora do Terror” deixou por trás dos seus olhos. Ainda que ele os feche, lá estão elas, grudadas como aqueles decalques, nas primeiras páginas dos cadernos de escola.

“Parece que o Alex e o Denis já dormiram. Será que o medo deles é menor que o meu? Será? Parece que sim... nove anos... aniversário...” Ninguém sabe onde fica a porta que atravessamos para adormecer e sonhar. Ou seria uma ponte? De um lado estamos acordados; do outro, dormimos e sonhamos. Certo é que Neno, como num passe de mágica, atravessou a porta, ou a ponte, e dormiu profundamente.



**TOC, TOC, TOC!** Um raio de sol bateu nas pálpebras fechadas dos olhos de Neno.

— Ei! Tem alguém aí? — Os olhos abriram as cortinas com franjas de cílios, e a voz de Neno encheu o quarto.

— Sim, tem sim! — Com os olhos arregalados, espichou o pescoço procurando pelo dono da voz que o acordou. Ninguém. Espreguiçou como um gato e resolveu se levantar. Sentou-se na cama e saltou para o chão, como fazia nas manhãs. Procurou pelo irmão na cama de baixo. Vazia. Virou-se para a outra, Alex também não estava. Que horas seriam? Dormiu tanto assim? Correu os olhos pelo quarto. Estranho. Lá estavam as três pastas da escola e os uniformes ainda pendurados nos pregos da parede, exatamente como haviam deixado na noite anterior. Os sapatos, as meias, a bola



que levariam para brincar no recreio, tudo em seu devido lugar, menos os meninos. Já deviam estar tomando café. Mas por que não o chamaram? Quem acordasse primeiro chamaria os outros — era o combinado.

Abriu a porta e encontrou a casa em profundo silêncio. Correu e bateu no quarto da irmã. Como não respondeu, do jeito mal-humorado de sempre, abriu. Vazio. Como? Já bastante assustado, foi até o quarto dos pais. Bateu três vezes, abriu. Apavorado, viu que não estavam. Para agravar o mistério, lá estava o terno do pai, na cadeira, com suas chaves no bolso, a carteira e os óculos. A bolsa da mãe no cabideiro, com todos os seus apetrechos: batom, *rouge*, espelhinho, escova de cabelo e carteira. Ela não iria a lugar nenhum sem eles. No banheiro, também ninguém, ninguém. E o gato? Cadê o gato? Arrepiou a nuca quando procurou pelo peixinho no aquário e... água. Somente água.

A casa era pequena. Num passar de olhos estava certo de que teriam saído. Correu até a porta da sala — trancada por dentro, com a chave na fechadura.

Neno estava perplexo. Abriu a porta da sala, pôs a cabeça pra fora e chamou pelos pais e irmãos. Nenhuma resposta. “Meu Deus! O que está acontecendo? Para onde foram?” Tentando manter a calma, atravessou a pequena área cimentada e chegou ao portãozinho de



ferro que dava pra rua — uma ladeira, calçada com paralelepípedos de pedra. Não era tão cedo assim para a rua estar deserta. Resolveu bater na porta do vizinho. Não atenderam. Insistiu. Nada. Bateu em outra casa, em outra e outra. Nenhuma resposta além do inexplicável silêncio. Lembrou-se de que a padaria da esquina já devia estar aberta. E estava. Desceu a ladeira. As pedras do calçamento, ainda frias e úmidas do sereno da madrugada, fizeram seus pés descalços chorarem.

Logo que entrou, veio o cheiro irresistível dos pães quentinhos da última fornada. Olhou as vitrines de doces, os baleiros de vidro... Chegou junto ao balcão e chamou pelo balconista. O moço não apareceu. Estranhando a falta da agitação de todas as manhãs, contornou o balcão e entrou na cozinha. Nas mesas, nevadas de farinha de trigo, as bacias com massa fresca e tabuleiros de pães prontos pra serem assados. O forno à lenha, com a boca quente e aberta, aguardando. Mas nada de padeiro nem ajudantes. Assustado, Neno apressou-se a sair dali. Na passagem, pegou um pão — a fome pediu.

Mesmo estando descalço e de pijama, não voltaria para sua casa vazia. Ele não sabia, mas ali ao pé da ladeira Professor Baltazar — a sua rua —, começava uma incrível aventura.

Sem saber que rumo tomar, seguiu para onde apontava o nariz: Rua Treze de Maio, absolutamente deserta. Lojas e bares abertos, da mesma forma, sem vendedores, sem garçons, sem fregueses. Mercadorias expostas, geladeiras cheias de bebidas e comidas.

Incrédulo, Neno quis testar a realidade. Entrou numa sorveteria, igualmente sem ninguém, e serviu-se de cinco bolas — de sabores diferentes —, se equilibrando numa casquinha. Incrível! Ninguém o impediu de sair dali com aquela “torre gelada”, e sem pagar.









## **CONTINUOU PELA TREZE DE MAIO** e

chegou à Praça Costa Pereira. Pelo trajeto e na praça, tudo vazio e silencioso. Nenhum carro em movimento, nem cachorros, nem gatos, nem os pombos que por ali costumavam voar e bicar o chão... Numa lanchonete, serviu-se de caldo de cana e pastel. Como era gostosa aquela dupla!

Viu o bonde parado no ponto final, em frente ao Teatro Carlos Gomes. Um pensamento faiscou como raio a cabeça de Neno — vontade antiga, guardada, reprimida. Quem sabe, poderia cumpri-la agora?

Tomado pela emoção, subiu no bonde. Sabia muito bem onde ficavam os comandos e como guiá-lo. Gostava de viajar na frente, com os olhos grudados no motorneiro. Encantava-se com seus gestos e atitudes, conduzindo, de pé, aquela máquina fabulosa. A cada viagem, uma lição.

Ligou os motores. De coração disparado, viu o bicho imenso rosnar e se mover. Lentamente, depois cada vez mais rápido. O garoto sabia tudo mesmo. Nas curvas diminuía a velocidade e nas retas, acelerava.

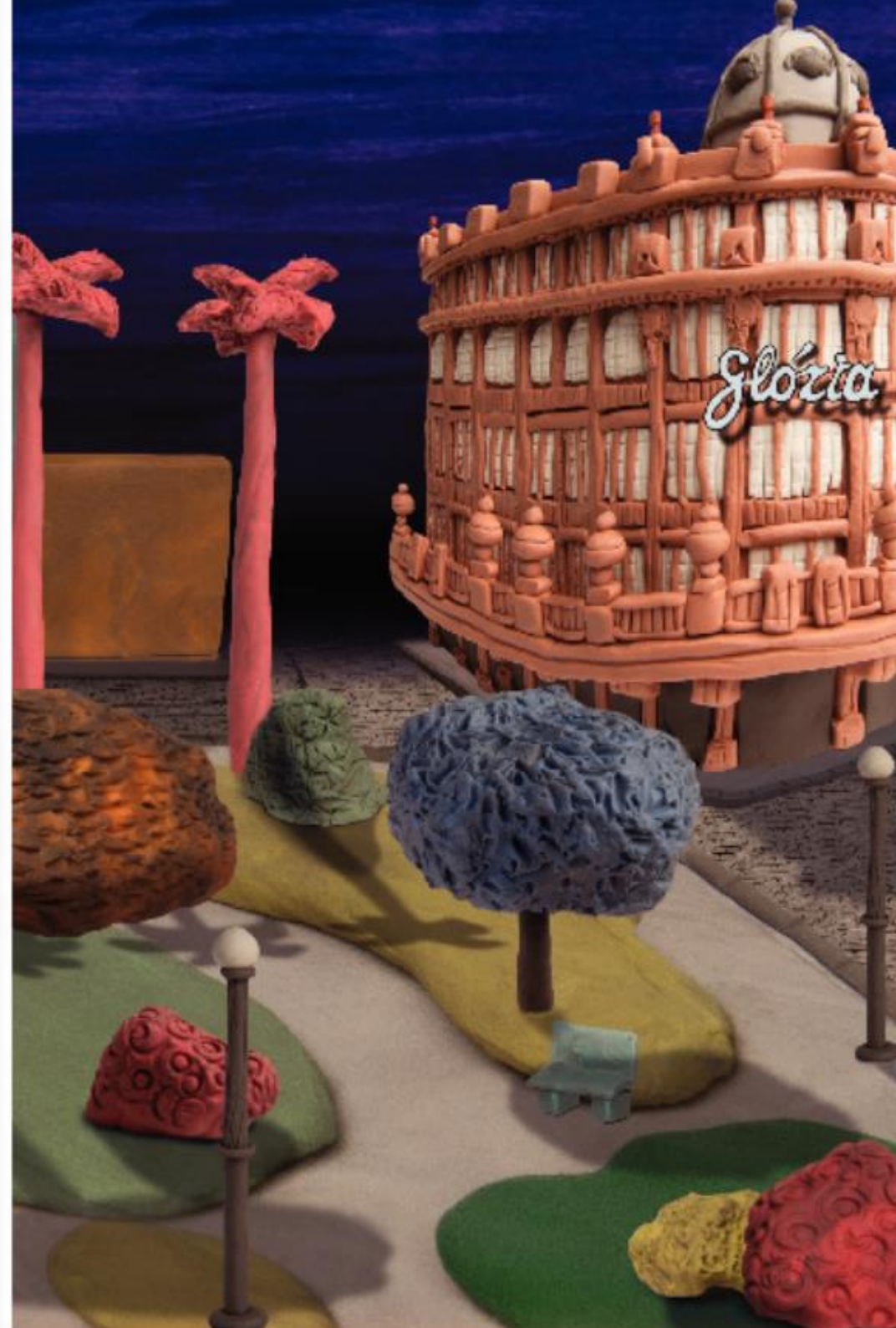
As rodas de ferro chiavam nos trilhos e o sininho, acionado por um pedal redondo no piso, era como uma voz solitária e sem sentido, na rua vazia, pedindo passagem ao vento.

Contornou a praça e seguiu pela Rua Sete de Setembro. Ao final dobrou à esquerda e seguiu viagem. Na esquina da Rua Gama Rosa, deu de cara com um carrinho de laranjas deixado no meio da linha. Sem conseguir parar, as frutas voaram como granadas amarelas pra todo lado, explodindo nas fachadas e estilhaçando vidraças. Neno resolveu ser ali o fim da linha — dali pra frente seguiria a pé.

Caminhando, sempre pelo meio da rua, o peso da solidão e do silêncio absolutos lhe causava calafrios. Virava-se a todo momento, com a sensação de que alguém o seguia ou poderia atacá-lo por trás.

Ao atravessar o Viaduto Caramuru, debruçou-se no guarda-corpo e viu lá embaixo a rua, larga e sempre movimentada, inacreditavelmente vazia, parada. Onde teriam se metido os garotos inimigos da Rua Caramuru? Estariam armando uma emboscada?





Sem olhar pra trás, correu em direção à Praça da Catedral — seu território e de sua turma de amigos. Passou como um foguete pela Capela de Santa Luzia — construída sobre uma pedra — pelo muro interminável de um prédio público e, num minuto, chegou ao largo da matriz.

Lá estava, abandonado junto ao meio-fio, o misterioso furgão verde-escuro, usado pelos garotos como carro de combate nas brincadeiras de guerra. Hoje, era apenas mais um dos veículos abandonados pelas ruas da cidade.

A imensa catedral em construção ainda não possuía as torres. Àquela hora, ela estaria cheia de fiéis, orações e cânticos religiosos. Nada disso Neno encontrou ao atravessar o pórtico da entrada principal.

O interior do templo parecia uma caverna misteriosa. Nenhum ruído, nenhum movimento. Nem mesmo o voo inesperado das andorinhas que moravam entre os tijolos das paredes em construção, que davam no céu. E no ar, só o cheiro de incenso queimando...





## **NENO ATRAVESSOU A NAVE PRINCIPAL,**

no eco dos próprios passos, pincelado pelos fachoos de luzes coloridas que surgiam dos vitrais.

No altar-mor, tocou a campainha de quatro sine-tas douradas, girando a mão com toda força. O som ecoou magnífico e ficou um tempo suspenso no ar até se dissipar suavemente, como a fumaça que subia do incensário.

Quando se virou e mirou o alto do coro, lembrou-se do harmônio da igreja; não resistiu, disparou escada acima.



Ainda ofegante, satisfez um de seus maiores desejos: sentou-se na “banqueta proibida” do instrumento e, maravilhado, improvisou uma sequência maluca de acordes, sem nenhuma harmonia, sem nenhuma melodia — sons livres, soltos, tal como estava seu espírito no momento.

De alma lavada, desceu e só então percebeu o olhar das imagens, dispostas nos altares laterais. Pareciam censurá-lo. Sentiu medo. O medo se transformou em pânico e ele fugiu, correndo em linha reta, pela larga avenida que terminaria no Palácio Anchieta.





**EM ALTA VELOCIDADE,** acabou entrando sem que ninguém o barrasse. Mas quem o faria se nem o “guarda-estátua” do dia e da noite estava lá? Deteve-se no *hall* da escada. Sempre que passava pela porta do palácio, ordenava a seus olhos curiosos bisbilhotar lá dentro. Mas eles voltavam sem repostas satisfatórias.

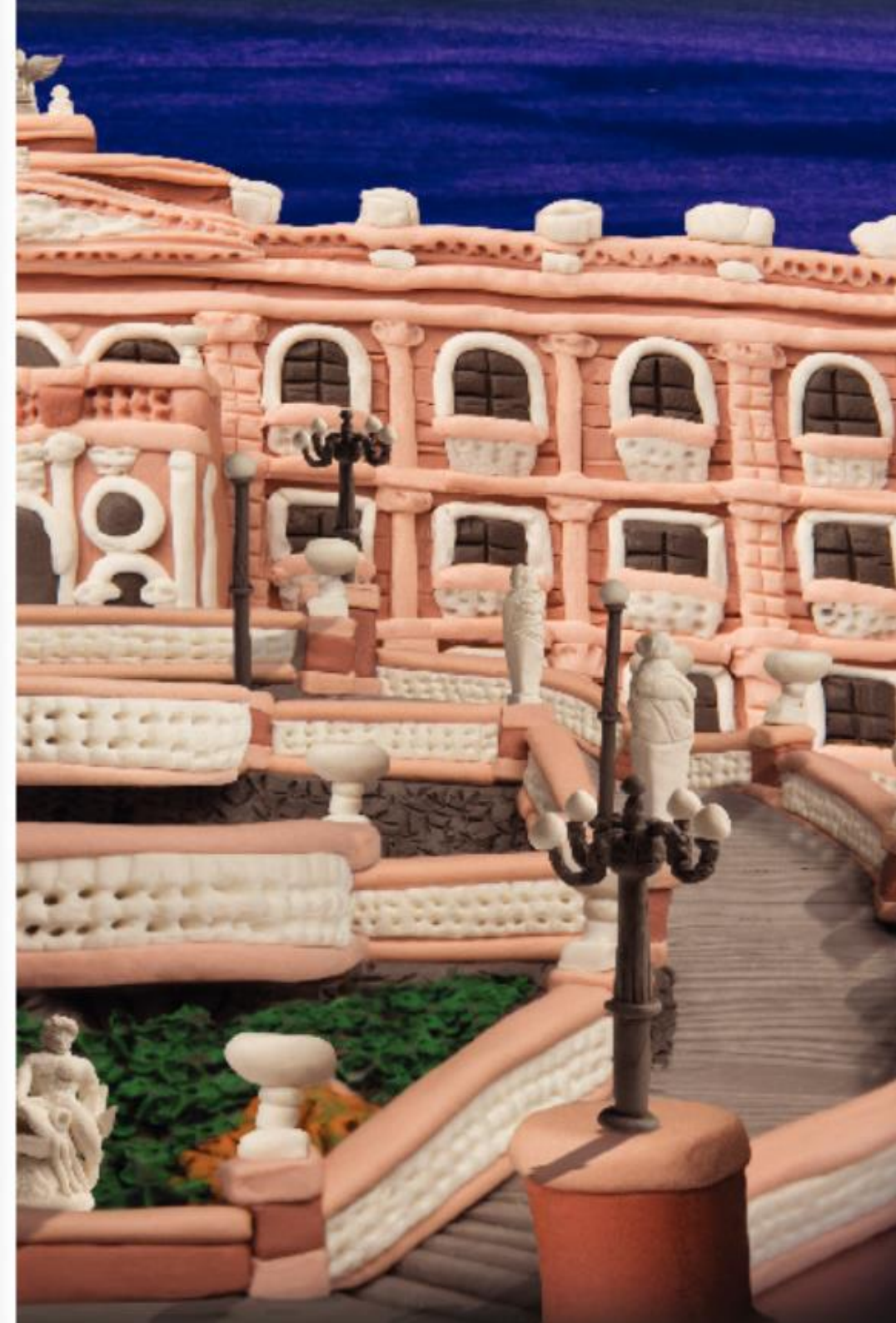
Agora seria sua chance. Subiu. Passou por várias e imensas portas fechadas — as portas do poder são assim. Até que numa delas uma placa indicava: Gabinete do Governador. Que oportunidade! Girou a maçaneta dourada e empurrou a pesada porta de madeira maciça. Não podia acreditar que estava onde estava. O salão tinha um luxo desconhecido: tapetes, cortinas de seda, poltronas de veludo, objetos brilhando. Um palácio de verdade! E aquela devia ser a mesa do rei, quer dizer, do governador.

Sentado solenemente na cadeira do chefe do estado, Neno pegou uma caneta de ouro na mesa, e numa folha de papel em branco escreveu:

A partir de hoje,  
fica decretado que  
as crianças terão o  
direito a todas as  
delícias do mundo.  
De graça!

Governador Neno







**ATRAÍDO PELA LUZ DA JANELA,** em frente à mesa, Neno levantou-se para avistar a rua lá fora. A visão do porto com seus navios ancorados o fascinou. Estavam a sua espera. Sim, a sua espera. Se em todos os lugares por onde passou não havia ninguém, ali também não seria diferente.

Desceu correndo as escadas, ainda com os pés descalços engolindo os degraus sem mastigar. Primeiro os da escada interna do palácio, depois a centena de outros da escadaria monumental que terminava na avenida do cais.

Os enormes portões de ferro de acesso ao porto estavam abertos. Nenhum vigia, nenhum guarda para impedi-lo de chegar aos castelos flutuantes e ao sonho de partir em um deles, viajando pelo mundo...



Foi direto ao preferido: um navio de guerra, aportado há uma semana. Ele o viu chegar. O pátio de recreio da escola ficava em um terreno alto, em frente ao porto.

Coisa que Neno gostava de fazer à hora do recreio era se agarrar à grade do pátio e ficar vendo de cima o movimento dos navios lá embaixo. Sabia os barcos que chegavam, que saíam e suas bandeiras de países longínquos.

Subiu pela rampa de embarque e entrou na fortaleza metálica flutuante, de uma única cor cinza, séria e triste — exatamente como deve ser o espírito da guerra. Não sabia qual a razão, mas se sentia completamente atraído por tudo: roldanas, cordas, cabos de aço, mastros, parafusos e porcas descomunais, alavancas, engrenagens, canhões apontando em várias direções, escadas verticais, paredes de aço pontilhadas de rebites, escotilhas, sala de máquinas e, principalmente, a cabine do comandante. O navio parecia um grande brinquedo. Seria isso?

Neno entrou na cabine, parou em frente ao painel de controle e correu os olhos na infinidade de botões e mostradores, todos com os ponteiros deitados, descansando, fazendo o zero de travesseiro. Foi quando uma pequena alavanca chamou-lhe a atenção. Junto a ela, a palavra “âncora” e duas setas — uma apontando



pra cima e outra, pra baixo — sugeriam que se movesse a alavanca para cima o barco poderia levantar âncoras e se soltar. E foi o que aconteceu. Sem pensar duas vezes, Neno levou a alavanca até o ponto mais alto. O barulho das correntes sendo recolhidas trouxe a enorme peça de ferro pra fora da água.

Incrível! O navio estava solto. E agora? Não foi difícil localizar o botão de partida. Será? Mirando a baía de Vitória aberta, sem nenhum barco em movimento, o cais vazio, sem marinheiros, sem estivadores, os guindastes sem operadores — imóveis como esqueletos de dinossauros em um museu —, Neno encheu-se de coragem e logo apertou o botão de partida. Imediatamente, os motores rugiram e o imenso navio começou a se deslocar, arrebatando amarras que o prendiam ao cais.

Com as mãos firmes no timão, Neno foi guiando o barco pelo corredor da baía, espremido entre o quebra-mar da avenida, à sua esquerda, e as encostas dos morros, à direita, onde trens sempre descarregavam minério de ferro de Minas para dentro dos navios cargueiros.

No momento, nada disso acontecia. Havia apenas um cargueiro, com a bandeira do Japão, mas sem a tripulação, abandonado no cais, ao pé do morro.

Mais acima, o trem, sem o maquinista, a interminável fileira de vagões carregados — imóvel como uma jiboia jiboiando, depois de engolir um boi.

Desconhecendo os caminhos de entrada e saída do porto, e sem ajuda do rebocador, o navio do “capitão Neno” não foi muito longe. Logo encalhou.





**NENO DESCEU UM DOS BARCOS** salva-vidas — amarrados no casco do navio —, pulou dentro e remou até o quebra-mar. Ao longo dele, aberturas com escadas de pedra davam no mar, para o embarque e desembarque dos passageiros de pequenos barcos. As escadas — sempre molhadas — eram verdes de musgos e incrustadas de mariscos. Neno encostou o barco numa delas e cuidadosamente subiu os degraus escorregadios.

Assim que alcançou a calçada, uma bicicleta esperava por ele — pura sorte! Sem pensar duas vezes, montou e saiu pedalando pela avenida, em direção ao Parque Moscoso. Queria muito ir até lá.

Como só dele era a cidade, podia andar pelo meio da rua, fazendo o trajeto que bem entendesse.

Seguiu a Avenida Jerônimo Monteiro, passou pelo relógio da Praça Oito, pela escadaria do palácio e por lojas, bancos e bancas de revistas da principal e mais agitada avenida da cidade. Porém, hoje, deserta... assustadoramente deserta. Todo o comércio aberto, com mercadorias expostas, bancos apinhados de dinheiro, bancas exibindo gibis novinhos e ninguém, ninguém pra vender, pra vigiar, comprar ou, simplesmente, pegar tudo aquilo e levar pra casa... Nem ele mesmo teve vontade de parar. Só queria chegar ao parque, nada mais.





Algumas vezes, passava por um ônibus, um carro abandonado. Desviava-se e seguia adiante.

Em poucos minutos já se encontrava na entrada do parque.

Parou para olhar o outro lado da rua. Mais precisamente para o Cine Santa Cecília, que exibia os cartazes do grande sucesso do momento: o pequeno Joselito e sua voz fenomenal. Pena o cinema estar fechado àquela hora. Já pensou? Botar o filme pra rodar, escolher o melhor lugar, pegar pipoca, um monte de balas e ver o filme quantas vezes quisesse?



**NENO DEIXOU A BICICLETA** e entrou no Parque Moscoso. Quantas vezes já havia feito isso... Mas hoje era bem diferente. O parque vazio dava medo. As árvores, os arbustos, os maciços de plantas ornamentais — antes tão acolhedores — pareciam ameaçadores e traiçoeiros. As alamedas, os caminhos sombreados, levariam a lugares de risco e mistério. Tentando manter a coragem, Neno continuou.

Santo Deus! A concha acústica sem plateia, em absoluto silêncio! A sensação não era boa. Lugares públicos precisam de público. Sem ele, não têm sentido.

Não podia ainda deixar de dar uma olhada nas “patas do diabo” grudadas na pedra. Foi o Alex, seu irmão, quem contou que aqueles pés de pato, de bronze, sem as pernas e o resto do corpo, eram as “patas do diabo”.



Alex se deliciava com a cara de pavor dos irmãos pequenos quando inventava essas histórias.

Em seguida, Neno foi até os enormes sapos de cimento, que esguicham água pela boca, de olhos esbugalhados e cobertos de lodo.

É... O parque sem as pessoas não tinha mesmo graça nenhuma. Os bancos sem os casais de namorados, os brinquedos sem as crianças... tudo muito triste.

Desanimado, Neno deixou o parque e, cabisbaixo, caminhou sem saber o que fazer. Foi quando se lembrou da escola. Será que os colegas estão por lá? Até mesmo seus irmãos, quem sabe? Subiu correndo a escadaria de vários patamares ali perto do parque e pegou a estreita Rua Francisco Araújo, espremida entre os fundos do Palácio Anchieta e o prédio da Escola Normal. Na sua parte de baixo ficava o Grupo Escolar Gomes Cardim, onde ele e os irmãos estudavam.

Grades de ferro cercam o pátio de terra batida, sombreado por imensas castanheiras. Neno atravessou o portão de entrada, olhando por um tempo o pátio silencioso. Algumas folhas secas estavam grudadas no chão, sem se mover. Seguiu, então, em direção à porta da escola. Como nos dias de aula, estava aberta. A diferença é que lá não estava o porteiro, nem o chefe de disciplina, nem o guarda. O corredor



e sua fileira de portas altas cor de vinho, escuro e vazio. Cadê o formigueiro de alunos, entrando e saindo pelas portas? Professores com pilhas de livros? Nada. Nem sombra de ninguém.

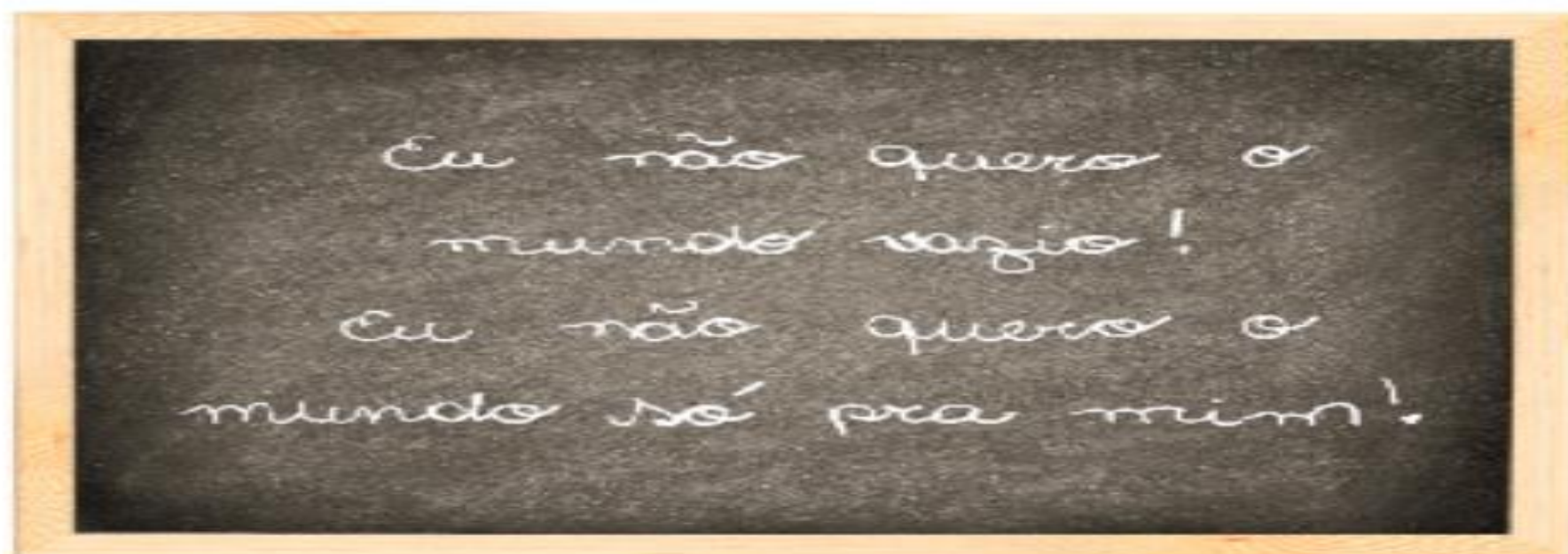
Neno chegou à sua sala. O cenário, desolador. Onde estaria o Paulinho, o Bê, o Edu — ele se perguntava caminhando entre as carteiras duplas, enfileiradas.

O sol entrava pelas janelas abertas e também procurava pelas crianças. Ficar aquecendo apenas a madeira dos móveis, o piso e as paredes da sala, para ele, era desperdício, um trabalho sem sentido.





Decepcionado e abatido, Neno foi ao quadro-negro e, com um pedaço de giz, escreveu, em letras bem grandes:



Terminou de escrever e repôs o giz na beirada do quadro. Limpou os dedos no pijama e foi sentar-se no seu lugar. Com o queixo apoiado nas mãos, passou a olhar o quadro, lendo e relendo as suas palavras escritas. Em seguida, cruzou os braços sobre a madeira aquecida pelo sol, fez deles um travesseiro e atravessou novamente a porta, ou a ponte do sono e dos sonhos. Estava exausto!

Acordou com Alex o sacudindo com força:



— Neno! Neno! Tá na hora! Pula já dai. Chega de dormir, garoto!

Neno abriu os olhos: era uma voz familiar. Levantando o pescoço, escancarou um sorriso ao ver que os dois irmãos já vestiam seus uniformes.

— Eu, hein! Por que essa alegria toda? Cadê o revoltadinho de todas as manhãs? — Alex comentou, surpreso.

Neno não disse nada. Com o mesmo sorriso, pulou da cama e abraçou forte o irmão mais velho, depois o outro — os meninos, com cara abestalhada. A ansiedade era tanta para ver os outros membros da família, que Neno nem quis perder seu tempo trocando o pijama.

A mãe, a primeira a ganhar seu abraço inesperado, levava a cesta de pães para a mesa. Depois foi a vez do pai, já sentado, e, por último, a irmã, que saía do quarto.

Todos muito intrigados: aquele não era o Neno que conheciam.

Com as pastas de couro carregadas de material escolar, as merendeiras abastecidas e os cabelos impecavelmente penteados, as quatro crianças se mandaram pra escola. Para três delas, aquele era só mais um dia de aula como outro qualquer. Para Neno, não. Ele não se continha de alegria, bastava estar caminhando com os irmãos.

Até um riso abobado lhe escapava a cada pessoa que passava, a cada estudante que via a caminho da escola, a cada movimento corriqueiro da rua: um cachorro vadiando, um gato no muro, um carro se deslocando, o bonde chiando longe, com motorneiro, cobrador e passageiros...

A realidade brilhou de forma especial naquela manhã — de festa para Neno. E esse brilho se reproduziu nos seus olhos. A qualquer hora contaria aos irmãos, explicaria a razão de seguir pela rua rindo sozinho, como um louco. Hoje, só valeria saborear aquele dia cheio de vida.

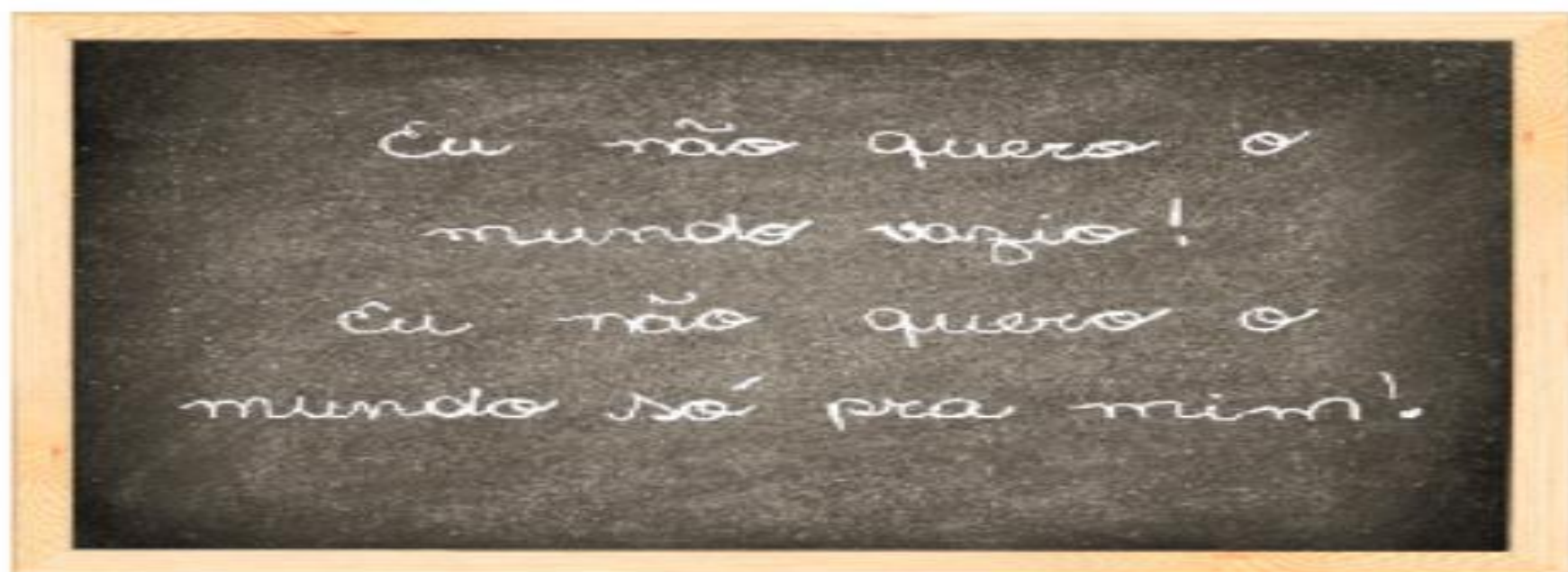
E, com o coração sem vaga para mais felicidade, chegou à escola. Manteve o sorriso enigmático durante todo o ritual diário: a formação no pátio, o canto do Hino Nacional e a entrada das filas de alunos. Em ordem exemplar, caminharam até a porta das salas, quando, então, explodiram numa busca desenfreada por seus lugares.

Neno se sentou, acomodou sua pasta e a merendeira nos lugares de costume e, ao bater os olhos no quadro-negro... gelou, inteiro! Lá estava, com todas as letras, o seu recado:

Nesse momento, a professora entrou em sala, como sempre perfumada e sorridente, equilibrando a pilha do material: livros, caderneta de chamada, caixa de giz e apagador.

— Bom dia, crianças! — saudou a turma.

— Bom dia, professora! — responderam. Só Neno permaneceu calado, imóvel, com olhos fixos no quadro-negro.








**MARCELO MOREIRA XAVIER** é publicitário, artista plástico autodidata, escritor, cenógrafo, figurinista, autor e ilustrador de livros infantis, juvenis e adultos.

Sintetizando tantas personalidades, desde 1986 desenvolve um trabalho com ilustrações tridimensionais, em que personagens e objetos de cena são moldados em massa plástica, montados em pequenos cenários e fotografados. Segundo ele, *os livros são um encontro que o autor marca com o leitor, esperando*



que ele compareça. Se o encontro acontece, pode nascer uma forte ligação entre eles. Marquei meu primeiro livro-encontro com as crianças em 1987. Ele se chamava **O dia a dia de Dadá** e era um livro de imagens, sem texto. Os pequenos leitores compareceram e a tal "forte ligação" aconteceu. Outros livros vieram, sempre com ilustrações tridimensionais, feitas com massa de modelar e fotografadas. E cerca de trinta anos mais tarde, um novo encontro surgiu, com o nome de *Um lugar cheio de ninguém*.

Além das massinhas, Marcelo Xavier também é fascinado pela "cidade". Por isso, esse tema é recorrente em suas obras. No entanto, desta vez a cidade escolhida é mais especial, por tratar-se daquela onde ele passou toda a infância: Vitória (ES).

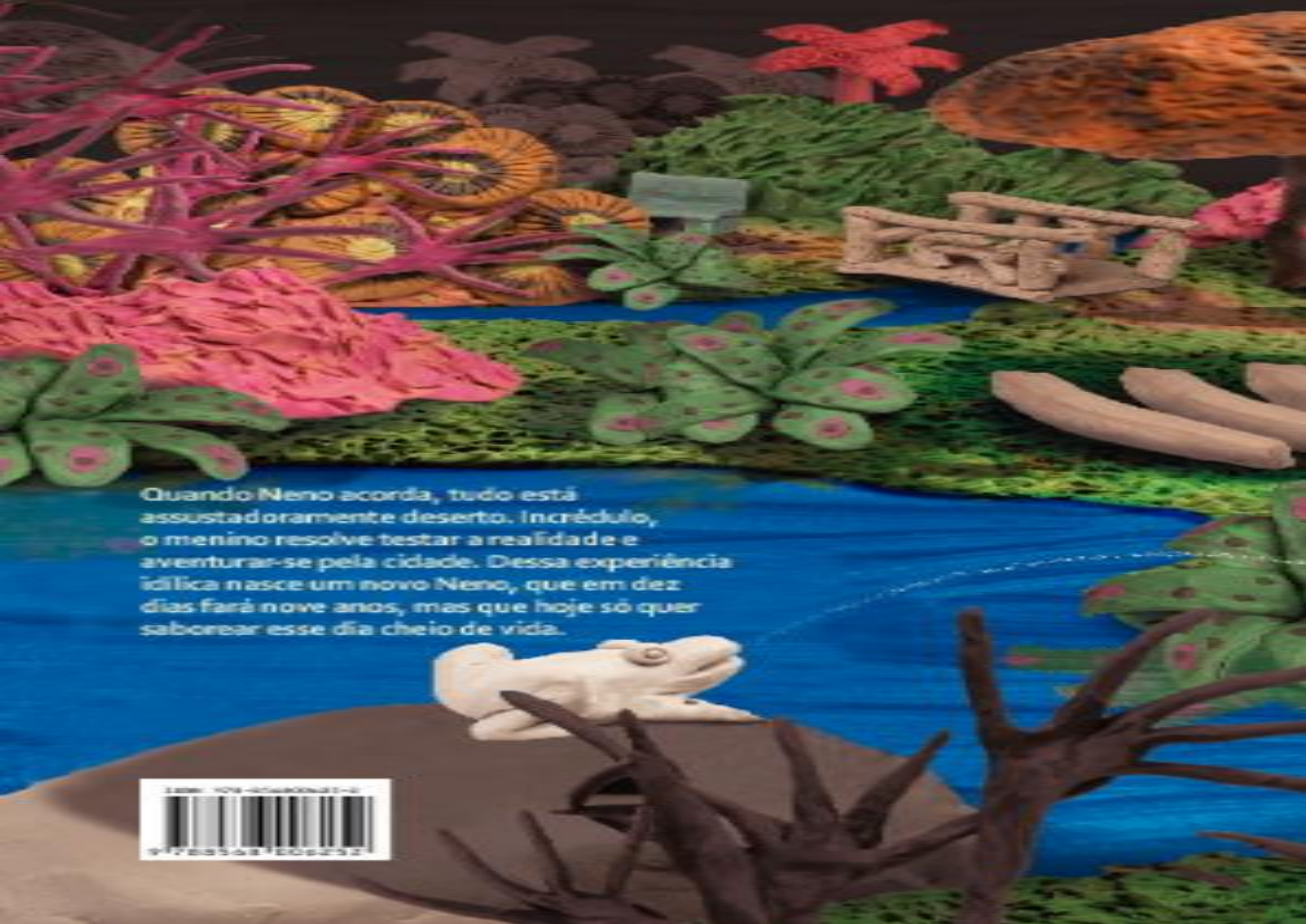
Para aguçar ainda mais a imaginação dos jovens leitores, Marcelo inovou na escolha da época em que se passa a história: 1957, um ano com gostinho da infância do autor, que nasceu em 1949, em Ipanema, no interior de Minas Gerais.

Com diversos livros publicados, Marcelo Xavier já conquistou os prêmios mais importantes que um escritor ou ilustrador pode receber no Brasil.

Conheça mais sobre sua vida e obra em:  
[www.marceloxavier.art.br/mx](http://www.marceloxavier.art.br/mx)







Quando Neno acorda, tudo está assustadoramente deserto. Incrédulo, o menino resolve testar a realidade e aventurar-se pela cidade. Dessa experiência idílica nasce um novo Neno, que em dez dias fará nove anos, mas que hoje só quer saborear esse dia cheio de vida.

